



Mais um sucesso os Jogos Amigos que Mauro Fecury realiza no Ceuma

● PAG 7



Mauro Fecury recebendo o ex-Presidente José Sarney, seu convidado mais ilustre para os Jogos Amigos de 2024 no CEUMA

O lançamento da Revista "PH 55 Anos" reuniu muitos amigos no Rio Poty Hotel

● PAG 3 a 6

Divulgação



O NATAL

é uma das datas mais celebradas no mundo e, além de ser marcado por tradições familiares, traz consigo símbolos carregados de significados históricos e religiosos. Cada detalhe decorativo, como as estrelas no topo das árvores ou os sinos reluzentes, carrega uma mensagem especial e ajuda a transmitir o verdadeiro espírito natalino

● PAG. 3 a 6

Refém da madrugada, o galo forja a brasa da manhã. Seu canto, lance solitário, rasga a paisagem. O esforço trava na garganta exausta. Cercada pela indiferença, a sentinela se alimenta de dúvidas. É um mistério que ainda se entregue ao ofício. Poderia abaixar a crista e insistir no sonho, mas prefere ser garimpeiro de brita. Romper os dias que nascem escuros nas promessas, se transformar num adivinho de tocaias, enfrentar pânicos ameaçados por ciclones, molhar-se em súbitas tempestades. Nem sempre o ano tem a sorte de ser dezembro.

O galo é a impaciência que vem a furo. Não confia, não desiste, não delega. Ignora as luzes artificiais que tentam mascarar o tombo do abismo sobre o mundo. Não deixa que permaneça impune a mudança do dia para o poço que torna a criação indistinta. Tudo se confunde ao redor. Há submissão, enquanto se instala a certeza de que não veremos mais a separação entre o morro e a lua, a rã e a coruja. Quando tudo dorme, é comum perder a esperança, acostumar-se ao luxo de esquecer.

CANTO DE NATAL

Refém das madrugadas, o galo inventa a manhã, mas poderia abaixar a crista e insistir no sonho

Talvez seja a memória que torne o galo prematuro. Ele se recorda e arrisca uma conversa com o destino, num jogo mortal de cabra-cega. Os duendes ocultos repetem histórias de assombração, tentando dobrar o teimoso. Há um desespero no peito, que vomita a insubordinação. Ainda é cedo, no entanto. O breu não sucumbe ao primeiro intruso.

O galo torce o quebranto, ensina a sobrevivência. Ele se espicha, cisca o que tem de mais fundo, se supera. E aos poucos vai acostumando o ambiente à batida do seu pulso, que pressiona a vigília. Cria curiosidade entre os vivos, que torcem para ver quem ganha. No duelo de-

sigual, a tampa noturna luta de um lado. No outro, o cantar do galo ganha ritmo, e aos poucos orchestra o ouvido adormecido da multidão, faminta de luz.

Quando convence que é possível erradicar a cortina de grosso veludo, opera-se o milagre. Os pássaros são os primeiros a ouvir. E depois que os ninhos são abandonados em favor do voo e do sopro, tudo pode acontecer. Até mesmo o sol, que tinha desistido de nos assistir, e partia para outras paragens, volta a espiar.

O sol é apaixonado pela ilha, mas, amante ingrato, abandona a cama depois do crepúsculo. Só mesmo o canto do ga-

lo para pô-lo de sobreaviso, reverter sua decisão de ir embora. O galo o convence que a ilha é o seu estúdio. E que sempre é possível resgatar a arte, mesmo que haja o perigo do transe fácil, a emoção flácida, a comunhão amarga.

O galo ensina o sol. Fala da contundência da missão a que foram destinados. Mostra a praia, a tela do mar e seu múltiplo azul, seu verde indeciso. Esmeraldas e violetas vão desafiando a manhã agora ensolarada. O galo então se recolhe à sua faina matinal. Debulha o trigo, roça as nuvens, planta figo. Deita depois, quando a tarde desce em direção aos navios.

Na noite seguinte, abre o olho, alarado, e pergunta o que nem a Lua sabe responder. Esse enigma, o escuro, o coloca novamente em guarda. Lança de novo o primeiro grito. Prevendo o desenlace, a madrugada treme de pavor. Ela sabe.

O galo puxa o dia não como um fardo, mas como a nota musical que nos conduz à liberdade. Não como hábito, mas como descoberta. Não como aventura, mas como lastro. É dia porque alguém se insurgiu. É de manhã, porque soou o alarme.



A NOVA LUZ DA NOTRE-DAME

Um dos símbolos de Paris, a Catedral de Notre-Dame reabriu ao público na primeira quinzena de dezembro totalmente restaurada, mais de 5 anos após um incêndio devastador. A reinauguração teve uma cerimônia especial com o presidente francês, Emmanuel Macron, e líderes mundiais como Donald Trump, presidente eleito dos EUA.

É possível reconstruir a Notre-Dame? Sim, como ficou demonstrado. Mas o que não é possível reconstruir é a sua aura de sacralidade.

É possível reconstruir à l'identique a catedral de Notre-Dame? Esta foi a pergunta por muitos formulada após o incêndio de abril de 2019 que destruiu todo o teto e a sua estrutura de madeira, uma parte das abóbadas e a flecha (também chamada agulha ou pináculo) que tinha sido reconstruída em 1858-59, segundo o projeto do arquiteto Viollet-le-Duc.

Uma carta aberta assinada por mais de 1100 especialistas do setor do patrimônio passava da dúvida à exigência, reavivando assim o significado da Notre-Dame como metonímia da cidade de Paris e seguindo fielmente a cultura do restauro, nascida no século XIX. Essa foi a opção que triunfou, apoiada por mecenas, por uma grande maioria da opinião pública e feita lei pelo Presidente Macron, que desafiou um exército de técnicos de muitas especialidades a reconstruí-la "mais bela do que antes". E o mais rapidamente possível, contrariando o dito de Victor Hugo: "Os grandes edifícios, como as grandes montanhas, são uma obra de séculos (...). O tempo é o arquiteto, o povo é o pedreiro". E a catedral de Notre-Dame, essa, é "a segunda Torre de Babel do gênero humano".

No dia 7 de dezembro, foi apresentada ao mundo, numa cerimônia que reuniu grandes representantes do poder temporal (e não tanto do poder religioso), a Notre-Dame reconstruída à l'identique. Até o pináculo de Viollet-le-Duc, que já era uma reconstrução, e cuja possibilidade de reconstrução chegou a ser considerada impossível, lá estava a recortar o céu, neste tempo em que já não é o olhar do céu que



Donald Trump e Volodymyr Zelensky na cerimônia de reabertura de Notre-Dame

pousa sobre nós.

As frases de Victor Hugo acima citadas podem ser lidas, respectivamente, no primeiro e no segundo capítulo do romance Notre-Dame de Paris, publicado em 1831. Muitas páginas mais à frente, no capítulo V, há uma cena que se passa em 1482, numa época em que a imprensa inventada por Gutenberg começava a difundir-se em toda a Europa. E o protagonista dessa cena é o arcebispo (ou Vigário Geral) da Notre-Dame, chamado Claude Frollo. Depois de observar o gigantesco edifício durante algum tempo, estende a mão direita para um livro aberto sobre uma mesa e aponta com a mão esquerda para a catedral, proferindo estas palavras enigmáticas: "Ceci tuera cela" ("Isto matará aquilo").

Mais à frente, este assassinato é dito de maneira mais explícita: "A imprensa matará a arquitetura", ou seja, o livro como novo

médium substituirá o medium arquitetônico. Lê-se, então: "Não nos deixemos enganar, a arquitetura morreu, morreu sem apelo, morta pelo livro impresso, morta porque dura menos, morta porque é mais cara". Quando muito, pode aparecer "um belo monumento, uma obra-prima isolada (...). O grande acidente de um arquiteto de gênio pode surgir no século XX, tal como Dante surgiu como um acidente no século XIII". Não estamos aqui muito longe de um outro óbito, atestado por Hegel quase na mesma época:

"A arte, quanto à sua suprema destinação, é para nós uma coisa do passado".

Partindo da morte da arquitetura, o Vigário Geral quer chegar à afirmação de uma outra morte que é uma consequência da primeira: "A imprensa matará a igreja". A igreja substituída pela

imprensa equivale à sabotagem da fé, ao destronar da crença. Victor Hugo, pondo o Vigário Geral de Notre-Dame a afirmar, inconsolado, "ceci tuera cela", começa a pressentir aquilo que uma teoria dos mídias, na esteira de McLuhan nos virá dizer: que o pensamento, mudando de forma de expressão (de linguagem), muda também de ideias.

O autor de Notre-Dame de Paris inscreve-se na grande narrativa do Progresso e da secularização, privilegia o saber e a razão crítica em detrimento da fé. E faz uma afirmação à século XIX que já não tem hoje grande crédito: "Toda a civilização começa pela teocracia e acaba na democracia".

É possível reconstruir a Notre-Dame? Sim, como ficou demonstrado. Mas o que não é possível reconstruir é a sua aura de sacralidade, que, de resto, já há muito se tinha perdido. Da sua tripla dimensão – religiosa, política e patrimonial – só a segunda e a terceira permanecem.

Parece que os visitantes acharam que a catedral restaurada estava demasiado luminosa, não encontravam nela a luz coada e lúgubre que era aquilo que restava como traço do tempo das catedrais. Os grandes desafios técnicos da reconstrução foram superados. Mas a questão não se limita a pedras especiais, as vigas de madeira especialmente tratadas e a oficinas requintadas de arquitetura e escultura. Macron prometeu uma reconstrução rápida, e o designio foi cumprido; já a construção visava a eternidade, mas essa pertinência a um passado remoto e impossível de reconstruir. A presente reconstrução só veio acentuar essa evidência. A Notre-Dame ficou mais luminosa.

LIVRO DE RECITAÇÕES

"As portas abriram com uma procissão de padres vestidos com casulas ofecidas pelo costureiro Jean-Charles de Castelbajac" (In Le Monde, 8/12/2024).

A alta-costura francesa entrou na cerimônia através de vestimentas que evocavam quadros de Mondrian. Não há outro artista tão apropriado pela moda vestimentária. Mas é certamente a primeira vez que a arte profana de Mondrian entra na catedral para fazer pendant com o novo brilho do monumento. Os visitantes que acharam que a Notre-Dame estava demasiado luminosa terão ficado ofuscados com o desfile do corpo eclesástico? Nestes tempos de estetização generalizada, a Igreja entra na roda e abraça os novos hábitos. É assim a Igreja: permeável ao novo nas manifestações mais frívolas e visíveis; fiel a velhos hábitos, nas suas regras e leis essenciais. Um passo à frente e outro atrás é o seu lema.



A casula é uma veste solene própria do padre e é usada pelo sacerdote nas missas sempre por cima da túnica branca

NOTRE-DAME, A CATEDRAL QUE O MUNDO NÃO ACEITOU PERDER

É o mais extraordinário restauro patrimonial do século XXI. Pelo simbolismo do monumento – há 800 anos que a Notre-Dame de Paris se cruza com a história de França –, pelos estragos devastadores causados pelo incêndio de 15 de abril de 2019, pela rapidez da reconstrução, que nem a pandemia de covid-19 conseguiu atrasar, pelo inédito movimento de solidariedade que o desastre gerou na França e no mundo, com os donativos privados, oriundos de 150 países, a atingirem quase 900 milhões de euros, e até pela diversidade e complexidade das polémicas – políticas, artísticas, científicas – que foram acompanhando as operações de restauro.

No rescaldo do incêndio, quando não se dissipara ainda a nuvem de fumaça amarelada no céu de Paris e ninguém podia garantir que as torres da catedral não acabassem por ruir, Emmanuel Macron, um Presidente acossado pelas manifestações dos "coletes amarelos", prometeu que Notre-Dame iria ser reconstruída "ainda mais bela", e que uma França unida pela tragédia seria capaz de executar esse grande designio nacional no prazo de cinco anos.

Eu não entendo muito de missas, religião, obras relacionadas a ela e

tampouco sabia tudo que tinha de valor para a Igreja católica e para o cristianismo dentro da Catedral de Notre-Dame de Paris, mas sempre vivi, vi e senti a importância dela como monumento histórico, símbolo da arquitetura gótica e representante do orgulho que os franceses têm de conservar intacta sua história e vendê-la ao mundo em forma de fé compactada em souvenirs da igreja visitada por 14 milhões de turistas por ano.

A Notre Dame foi construída no século 12, tinha, portanto, 800 anos de vida, isso se minha capacidade aritmética matinal não me trai, mas não é de números que eu quero falar neste post e sim de respeito ao que é público, ao que é de todos e ao que toca sentimentalmente as pessoas, coisa rara hoje em dia.

A Notre Dame queimou em chamas quase incontroláveis no final da tarde de 15 de abril de 2019. Eram 18h50 quando o começo do incêndio no teto da parte traseira da catedral foi sinalizado aos bombeiros. Ali estava acontecendo uma restauração, um lifting como os franceses chamam este tipo de retoque e que, numa cidade como Paris, acontece o tempo todo. O que acontece o tempo todo também são incêndios. Uma cidade velha, toda restaurada, cheia de regras de

segurança contra incêndio, muitas ignoradas pelo público, cheia de sistemas de segurança que não são frequentemente bem validados por que são controlados por humanos, cansados, estressados, cheios de problemas em casa, ganhando pouco, morando longe, ah mas é Paris!

Sim, Paris é frágil na sua magnitude e isso só fica evidente quando um símbolo de poder queima quase completamente em menos de duas ou três horas e leva nove horas para ser controlado. Paris tem muito fogo para queimar, mas muita energia para recomer.

O escritor francês Victor Hugo no romance histórico Nossa Senhora de Paris, que se passa em 1492, cria um vasto painel de enredos que têm como pano de fundo o grande monumento gótico da capital francesa.

Victor Hugo (1802-1885) consagrou um dos seus romances mais conhecidos a Nossa Senhora de Paris. No livro que recebeu o nome da catedral parisiense, originalmente publicado em 1831, o escritor francês cria um vasto painel de enredos que tomam como pano de fundo e elemento simbólico e aglutinador o grande monumento gótico da capital francesa – e ícone do mundo cristão. Um

dos centros da ação é, com certeza, o que se fixa na dupla constituída pelo corcunda Quasimodo e pela bela Esmeralda; no entanto, e todo um vasto conjunto de personagens e destinos cruzados que se emaranham no livro de Victor Hugo.

Nossa Senhora de Paris divide-se em onze livros, o terceiro dos quais, um dos mais breves, se concentra na grande catedral e na cidade que a envolvia, no tempo histórico que é o do romance: 1492, no reinado de Luís XI. O monarca, de resto, comparece na obra: "Com efeito, havia dois dias que el-rei Luís XI se encontrava em Paris. (...) Nunca fazia senão aparições raras e curtas na sua boa cidade de Paris, pois não sentia à sua volta suficientes ratoeiras, forcas e arceiros escoceses." (Nossa Senhora de Paris, Círculo de Leitores, 1972).

Não é por acaso que Victor Hugo relembra ao leitor o estado de coisas da Paris de Quatrocentos. É essa urbe palpante e perigosa, cruel e inquietante, que o referido Livro III de Nossa Senhora de Paris captura. É essa cidade brutal e violenta, extremada nos seus contrastes e na sua dureza implacável, que cerca a catedral. Perante o terrível incêndio que, na semana da Páscoa de 2019, assolou a catedral parisiense, as palavras de Victor

Hugo parecem-nos adquirir tonalidades de uma terrível profecia – e Hugo adotou amíúde esse tom profético.

"A igreja de Nossa Senhora de Paris é decerto ainda um majestoso e sublime edifício. Contudo, por muito formosa que se tenha mantido ao envelhecer, a custo se contém um suspiro e não nos indignamos perante as degradações, as multidões inúmeras, que simultaneamente o Tempo e os Homens causaram ao venerável monumento, sem respeitarem Carlos Magno, que assentou a primeira pedra, nem Filipe Augusto, que colocou a última. No rosto desta idosa rainha das nossas catedrais, ao lado de uma ruga depara-se sempre uma cicatriz. Tempus edax, homo edacior, o que de bom grado assim traduziria: O Tempo é cego, o Homem é estúpido."

Victor Hugo referia-se, neste passo do seu romance, às sucessivas ações de restauro do edifício da catedral, entre a precipitação e o descuido, mas também ao acumular de estilos que, em camada, foram compondo as diversas fases da sua edificação. No entanto, não há como deixar de adivinhar na entoação dada pelo escritor, a destruição que atingiu a catedral francesa, mais de 850 anos depois do início da sua construção.

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Henrique Cardoso abriu a noite com um sax bem afinado e um repertório incrível



Anna Torres desembarcou no salão com um repertório de icônicas canções francesas

BOA MÚSICA NUMA TARDE/NOITE DE AMIZADE

A confraternização de fim de ano do PH Revista e da Coluna PH foi marcada pela melhor música, a começar pelo sax de Henrique Cardoso, os embalos do DJ Sérgio Balada, a voz internacional da cantora maranhense Anna Torres, há mais de duas décadas radicada em Paris, e a sensacional Ellen Oliveira, que interpretou um repertório de

músicas que embalam os anos 1980 e 1990. Tudo isso num ambiente decorado com extremo bom gosto pela designer Cintia Klamt Motta, nos salões do Rio Poty Hotel & Resort, cuja noite teve como ponto alto o lançamento da edição especial do PH Revista comemorativa dos 55 anos de jornalismo social deste Repórter PH.



O DJ Sergio Balada segurou o som para a performance de Anna Torres



O artista Betto Pereira mostrando suas telas para José Carlos Salgueiro



O Repórter PH com a presidente do Grupo Mirante, Teresa Sarney



Cintia Klamt Motta ouvindo elogios de Milina e desembargador Jamil Gedeon Neto



Donizetti e Moacir Machado com a alegria de sempre



O Repórter PH e blogueiro Oton Lima com a maior atriz maranhense da atualidade, Aúrea Maranhão



Goreth e Aparecido Bandeira fazendo moldura para o Repórter PH



Luiz Paulo Martins, Teresa Martins, Lenita Lago Bello e o Repórter PH



O Repórter PH com Zenira Figueira e sua filha Fabíola



O Repórter PH e Teresa Martins com Ana Lúcia Albuquerque e Amaro Santana Leite



Marisa Consalter Campos com Fernando Motta e Cintia Klamt Motta



Três momentos da excelente cantora maranhense Ellen Oliveira, cujo repertório passeia pelos maiores sucessos que marcaram os Anos 1980 e 1990

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



O Repórter PH e Rosário Saldanha



Fernanda Mendonça e o Repórter PH com Ana Cláudia e André Cutrim Mendonça



Anna Torres com Betto Pereira e Rose



Flávia e Nilson Frazão Ferraz

BOA MÚSICA NUMA TARDE/NOITE DE AMIZADE

Quando a cantora Anna Torres soltou a voz, a plateia era só aplausos para a maranhense que conquistou Paris e desembarcou com sua linda voz na confraternização de fim de ano do PH Revista e da Coluna PH. Acompanhada pelo DJ Sérgio Balata, a cantora internacional brindou os convidados com belas páginas das mais emblemáticas canções

francesas. Em seguida, entrou em cena outra sensacional artista maranhense, Ellen Oliveira, que interpretou um repertório de músicas que embalsamaram os anos 1980 e 1990.

E assim escorreu a noite nos salões do Rio Poty Hotel & Resort, com direito a um coquetel com delícias da melhor culinária maranhense e internacional assinadas

pelo Chef Inácio Gomes, num ambiente decorado com extremo bom gosto pela designer Cintia Klamt Motta.

A noite teve como ponto alto o lançamento da belíssima edição especial do PH Revista comemorativa dos 55 anos de jornalismo social deste Repórter PH. Tudo regado a vinhos tintos e champagnes de ótimas safras.



Neire Vanda Gomes e Nazaré Gomes Lima com Fernanda Mendonça



Carol e Pedro Salgueiro



O Repórter PH com Leonardo e Benício Holanda Vilhena, Marcella Holanda Vilhena e Clores Holanda



O Repórter PH com Milina e Des. Jamil Gedeon Neto



Jarbas Roberto Gapski e Daiana Naime Holanda



O Repórter PH com Francisco e Nazaré Lima



Vanuza e Benjamin Franklin Alves



Luiz Campos Paes e Déia Trinta com o Repórter PH



Marcelo Everton e Amanda Bandeira



José Luis Maciel, o Repórter PH, Ubaldo Silva e José Walter Maciel



Aparício Bandeira, José Ahirton Lopes e Moacir Machado



Saphira e Tony Millbourne



O Repórter PH com José William Ribeiro e Concita



O Repórter PH com Beth e José Jorge Leite Soares

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Médico Endocrinologista e Metabologista Wellington Santana Jr. e esposa Naira (dermatologista) com o Repórter



Rosário Saldanha e Teresa Sarney



Virginia Nunes Freire e Kátia Rocha



Marcone e Kátia Rocha



Nan Souza, Anna Torres e José Jorge Leite Soares



Thatiana e César Bandeira com Goreth e Aparecido Bandeira



Camila Joare e Renan Moura



O Repórter PH com o médico Igor Nogueira Catarina Azevedo



Pedro Henrique Cardoso da Silva e Ana Paula Vieira



Mário Reis, Adelaide Campelo, Silvânia e Sérgio Tamer



Raul Vilhena e Socorro com o filho Gabriel e a cantora Anna Torres



Aderaldo do Nascimento Neto e o Repórter PH



José William Ribeiro e Concita com Armando Ferreira e José Walter Maciel



Emilia Fiquene, Adelaide Campelo, Rubenita Carvalho, Silvia Moscoso, Étia Vale, Ironara Pestana, Eveline Cunha e Madalena Nobre



Natália e Arthur Benazzi



Amaro Santana Leite e Ana Lúcia com Déia e Luiz Campos Paes



Fernanda Mendonça com Anna Torres, André Mendonça e Ana Claudia



Ana Valéria e Carlos Eduardo Cardoso



Rose e Betto Pereira com Augusto César Araújo e Cecília Leite



Benjamin Franklin Alves, Amadeu Araújo Costa, Daniel Aragão de Albuquerque Filho e Carlos Eduardo Cardoso



Rosário Saldanha e Fernando Albuquerque



O Repórter PH com Anna Torres e Teresa Sarney



Aparício Bandeira, José Ahirton Lopes e Moacir Machado



Benjamin Franklin Alves e Vanuza com o Repórter PH



O Repórter PH com Francisco Lima e Nazaré



Amanda e Goreth Bandeira com Thatiana Bandeira



Herbeth Oliveira e Werter Bandeira com o Repórter PH, Danielle Vieira e José Domingues Neto



Daniel Aragão de Albuquerque Filho com Amadeu de Araújo Costa e Fernanda



Étia Vale, Ironara Pestana, Rubenita Carvalho e Madalena Nobre



Lorena e Fátima Saboya com Cintia Klamt Motta e Donizetti Machado



O Repórter PH com Renan Moura e Camila Joare



Adelaide Campelo e Silvia Moscoso com Evandro Junior



Rosimar e José Carlos Salgueiro, Betto Pereira e Rose



Francisco Lima, Mirza Lima, Neirevanda Gomes e Nazaré Lima



Flávia Nilson Ferraz com Teresa Sarney



Marcos David e Madalena Nobre com Rose e Betto Pereira e Augusto César Araújo



O Repórter PH com Fernanda e o filho André Mendonça



O Repórter PH com Marcos Davi e Madalena Nobre



Zil Oliveira Lopes e Deuzimar Nogueira com o Repórter PH



Italo Moraes e Leonardo Barros



Glauco Salgueiro, o Repórter PH e José Carlos Salgueiro

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Ana Lúcia e Mauro Fecury com a filha Ana Elizabeth Braga



José Reinaldo Tavares, José Sarney, Jaqueline, Mauro Fecury e Ana Lúcia

FESTA DOS AMIGOS NO CEUMA

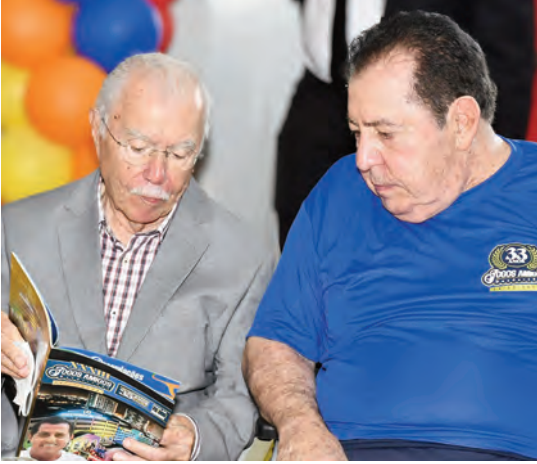
Há muitos anos Mauro Fecury mantém uma tradição em seu complexo de ensino superior: o Centro Universitário que hoje se transformou numa das mais bem equipadas universidades desse Estado – o Uniceuma.

Trata-se dos Jogos Amigos, em que reúne

veteranos de sua geração que se tornaram amigos através da salutar convivência esportiva.

Como sempre acontece, a festa que é realizada no segundo sábado de dezembro, foi um grande sucesso, com a presença de ilustres amigos, a começar pelo ex-presidente da República José Sarney.

É claro que motivados por uma suculenta feijoada, os convidados cantaram e dançaram ao som de grandes artistas como Altemar Dutra Júnior, que mais uma vez encantou o público com um repertório de grandes canções brasileiras que fizeram sucesso na voz do seresteiro Altemar Dutra, seu pai.



José Sarney e Mauro Fecury



Fernando Sarney cumprimentando Mauro Fecury



Virna e sua mãe Dirce Fecury Zenni



Mauro Fecury e José Sarney com Clovis Fecury e Benedito Buzar



Nelson Almada Lima, Gastão Dias Vieira, Evandro Torres Carvalho e Antonio Nelson Farias



Marcelo Tavares e Luciana



Virna Fecury Zenni e João Blue



Miguel Fecury e Fábio Braga



Silvia e Sergio Nogueira Santos com o filho



João Paulo Arruda e Clóvis Fecury



Francisco Rocha, Clóvis Fecury e Guto Santos



Lourdes e Eliezer Moreira



Marcello Vilas Boas, Ricardo Zenni e Aparício Bandeira



José Sarney, Aparício Bandeira e José Reinaldo Tavares



Fabiano Vieira da Silva e Jaime Santana



Karine e Delegado Castelo Branco



Sergio Bogéa, Bernardino Ribeiro, Ricardo Guterres e Gustavo Belfort



Ana Elizabeth Fecury Braga e Fernando Sarney



Bruna e Marcelo Villas Boas



Claudia Vaz e Gilberto Léda



Benedito Buzar, Mauro Fecury e Carlos Alberto Frazão

Fotos/Divulgação



Dra. Sara Gama entregando a medalha para a Desembargadora Márcia Chaves



Júlio Moreira Filho, Des.ª Francisca Galiza, Des.ª Márcia Chaves e Sergio Tamer

MÉRITO GONÇALVES DIAS

O Centro Cultural da SVT Faculdade sediou um significativo evento no último dia 12, em comemoração aos 76 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

O Simpósio, promovido pela Academia Maranhense de Cultura Jurídica, Social e Política (AMCJSP), reforçou o compromisso com os direitos fundamentais e a valorização de trajetórias profissionais inspiradoras.

Durante a solenidade, a Medalha e o Diploma do Mérito Gonçalves Dias foram entregues às desembargadoras Maria Francisca Gualberto e Galiza e Márcia Cristina Coelho Chaves, em reconhecimento às suas contribuições ao aperfeiçoamento das Instituições Jurídicas.

A acadêmica Sara Gama emocionou o público ao apresentar as homenageadas, destacando suas trajetórias marcadas pela ética, humanidade e dedicação às Ciências Jurídicas.

O escritor e jurista Nelson Melo de Moraes Rêgo proferiu uma palestra concisa e brilhante sobre "Direitos Humanos, Desenvolvimento e Poder Judicial", abordando o papel essencial do Judiciário na proteção dos direitos fundamentais.

A desembargadora Márcia Cristina Coelho Chaves, em nome das homenageadas, expressou sua gratidão, compartilhando momentos marcantes de sua trajetória profissional e pessoal, o que trouxe grande emoção ao público presente.

O encerramento ficou a cargo do presidente da Academia, Sergio Tamer, que traçou um paralelo entre Osvaldo Aranha, figura-chave na criação da Declaração Universal, e Graça Aranha, escritor maranhense que enalteceu os direitos humanos em sua obra.



Sergio e Silvânia Tamer e as homenageadas com Rosinete e Nelson Moraes Rêgo



Des.ª. Ângela Salazar e Andressa Bonfim



Lucio Gorayéb, Márcia Chaves, Francisca Galiza e Petros



Juiz Nelson Martins Júlio Bacellar



O juiz Nelson Rêgo colocando a Medalha Gonçalves Dias na Des.ª. Francisca Galiza



Márcia Chaves, José Cláudio Pavão Santana e Francisca Galiza



Ana Brandão, Lourdinha, Márcia Chaves, Francisca Galiza e Karla Sarney



Sara Gama, Carlos Meneses e Cássia Muniz



Des.ª. Márcia Chaves e sua mãe Elda Chaves



O Procurador de Justiça Dr. Eduardo Nicolau com a Des.ª. Márcia Chaves e suas filhas Camila e Renata



Filipe Nogueira, Des.ª. Márcia Chaves e Camila Chaves

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/evandrojr)
[@evandrojr](https://www.instagram.com/evandrojr)



Fabricio Vieira, no dia de sua formatura, entre a mãe, Danielle Vieira, a avó Maria Carmen Vieira e o pai, José Domingues Neto

Fabricio Vieira respirou ares europeus e está de volta à Ilha

Fazer um intercâmbio estudantil é uma experiência enriquecedora que traz diversos benefícios pessoais e profissionais. Além de proporcionar a oportunidade de conhecer novas culturas e aprimorar o domínio de um segundo idioma, fortalece o crescimento pessoal e ajuda a desenvolver uma visão de mundo mais ampla.

É fato que dominar um segundo idioma não somente aumenta as oportunidades, como também amplia a capacidade de se relacionar com pessoas de diferentes origens.

São conexões, aliás, que podem se tornar amizades duradouras e até mesmo parcerias no futuro. Isto porque uma rede de contatos globais costurada em um intercâmbio abre portas e implica oportunidades em diferentes áreas da vida.

Foi exatamente essa a experiência que viveu o jovem maranhense Fabricio Vieira Domingues, que passou um ano estudando na França. Ele é filho da jornalista Danielle Vieira e de José Domingues Neto, e o xodó da tia Adriana Vieira, que com Danielle forma a dupla dinâmica que faz da InterMídia Comunicação Integrada uma das mais conceituadas empresas de assessoria de imprensa do Brasil.

Fabricio, claro, retornou para os braços carinhosos da família com a certeza de que valeu a pena a imersão cultural. Afinal, a experiência na Europa ficará marcada e incrementará seu currículo. Ao desembarcar, o bonito, inteligente e simpático Fabricio partiu para outra etapa: juntou-se à turma de estudantes que concluíram o ensino médio na Escola Crescimento. A emocionante solenidade de formatura celebrou, com muito charme e lágrimas, as conquistas acadêmicas de todo o grupo.



Com a turma da Escola Crescimento que concluiu o ensino médio



Os tios Mauro Jorge e Adriana Vieira na solenidade de formatura do sobrinho



Fabricio Vieira com o irmão Matheus Vieira



Fabricio Vieira com o irmão Matheus Vieira



Ele com a família do Rotary Internacional Giraud, da região da Bretanha, que o acolheu na França



Com a turma da Escola Crescimento que concluiu o ensino médio

Natal inclusivo

O São Luís Shopping promoveu um evento dedicado às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas famílias. A ação, organizada em parceria com o Grupo Ilha Azul, a Associação Maranhense de Autismo (AMA) e o Movimento Orgulho Autista Brasil (Moab), recebeu o nome de Natal Inclusivo.

Durante o evento, a rádio do shopping foi desligada, a iluminação ajustada para maior conforto e abafadores de ruídos foram disponibilizados aos participantes, criando um ambiente tranquilo para que as crianças com TEA pudessem aproveitar a programação com mais conforto. O evento contou também com a presença do Papai Noel e brinquedos acessíveis, como um gira-gira adaptado para cadeirantes e um carrossel de cavalinhos.

E-book e CFO

A Polícia Militar do Maranhão lançou um e-book inovador, fruto do trabalho da 27ª turma do Curso de Formação de Oficiais (CFO): os "Dragões de Aço".

O material foi produzido durante a disciplina de Legislação Especial. Sob a coordenação do Major QOPM Bruno Silva Ferreira e com o incentivo do Coronel Pitágoras, comandante-geral, do Coronel Nilson, subcomandante-geral, e do Coronel Sauaia, comandante da Academia de Polícia Militar Gonçalves Dias, a iniciativa reforça o compromisso com a modernização e o aprendizado contínuo.

O evento, realizado no Palácio Henrique de La Roche, contou com a presença de autoridades militares, civis e acadêmicas, celebrando um projeto que inspira futuras turmas e consolida a PMMA como referência em educação e inovação na segurança pública.



A diretora da Casa da Mulher Brasileira, Susan Lucena, entre os proprietários da AmoVinho Bistrô e Adegas, Célia e Almiron Marinho, após a palestra que ela proferiu no charmoso empreendimento do Parque Shalom durante a última edição do ano do projeto "Terça para Mulheres" (TPM), uma iniciativa da AmoVinho. A advogada e filósofa é uma profissional que imprime diversas articulações em prol da efetivação de políticas públicas que permitam às mulheres viverem em uma sociedade mais igualitária

BEACH CLUB
RIO POTY

O gerente geral do Rio Poty Hotel & Resort, Armando Ferreira, na área do Beach Club do empreendimento, que tem atraído a atenção da ala esportista da cidade, bem como se tornou ponto de encontro da turma jovem, devido aos encontros em clima de happy hour, quando dá para contemplar uma das mais belas vistas da cidade

● Quem está em São Luís para as festas de fim de ano é o 'Maquiador das Estrelas', maranhense Edilson Ferreira. Ele veio rever parentes e amigos na Ilha do Amor.

● Aliás, mandou avisar que sua necessidade de maquiagem veio abastecida para atender as clientes do Maranhão.

● E vamos combinar: toda mulher gosta ficar maravilhosa. E já que o 'Mago dos Pincéis' está entre nós, vale marcar um horário para um atendimento personalizado, mandando um direct ou um zap para o expert da beleza.

● Neste Natal, Imperatriz ganhou um brilho especial com a ativação natalina do

Boticário, eleita a melhor marca para presentear na data.

● Até 23 de dezembro, o público pode visitar um espaço encantador no Imperial Shopping, com uma imponente árvore de Natal de 4 metros e um cenário instagramável em formato de globo, ideal para registrar momentos memoráveis.